

2/3/80

Sintrense tem hipótese de ficar onde está

— esperança de Nuno Martins

O Sintrense, que disputou durante alguns anos o «Nacional» da II Divisão, encontra-se presentemente a integrar a Série E, da III Divisão nacional, desde a época passada, resultado nada apetecido, de uma crise que envolveu a sua equipa de futebol.

Crise que, entretanto, ainda prossegue a avaliar pela posição nada cómoda em que está situado na tabela classificativa, os últimos lugares (antepenúltimo), após os 17 jogos já realizados em que averbou somente duas vitórias, empata sete vezes e perdeu oito, com «goal-average» de sete golos alcançados e dezasseis consentidos.

Com tal situação, as perspectivas não se vislumbram nada boas, já que, em relação aos seus companheiros igualmente em situação afilhada, está a três pontos de desvantagem do Santa Clara, dos Açores, que o antecede na classificação, não se faltando na desvantagem que o separa do «leader», Lusitânia, dos Açores, que é de 18 pontos.

Perante esta crise, o Sintrense tentou a «chicotada psicológica» com a mudança de treinador para conseguir levar a sua equipa a sair da

crise que a vem afectando para que, pelo menos, se mantenha na III Divisão, para depois, em ambiente calmo e seguro, regressar ao segundo escalão do futebol nacional, lugar a que se habituou de há alguns anos a esta parte.

Nuno Martins, é o novo treinador do Sintrense. Antigo jogador da Académica de Coimbra e seleccionador-treinador em Lourenço Marques, é o homem que tomou, desde há quinze o leme daquela nau, a navegar num mar agitado, para a levar a bom porto.

A missão é difícil, mas não impossível. Difícil, para já, porque hoje os sintrenses recebem, nada mais nada menos que o guia da classificação, o Lusitânia, uma equipa despreocupada, sem ter o seu lugar em perigo, enquanto os donos da casa, intranquilos mas conscientes do seu dever, vão tentar cumprir para que o jogo com o Lusitânia seja o início de uma recuperação deveras desejada.

O técnico Nuno Martins, identificado já com os problemas do Sintrense, afirmou-nos:

— Há todo um trabalho de intenções que julgamos ser positivas e estamos determinados numa forte esperança

que consigamos manter a equipa na III Divisão nacional, que é o nosso objectivo imediato. Está a ser conduzido todo um trabalho de equipa, não só com a comissão administrativa, como com o meu adjunto, como o próprio roupeiro, massagistas e jogadores. Enfim, estamos a constituir todo um bloco completo de força a convergir para o centro e esse centro é sem dúvida a nossa permanência na III Divisão.

Sobre o jogo com o Lusitânia, disse:

— É um jogo difícil, pois vamos defrontar uma equipa bastante poderosa para o escalão em que nos encontramos. Constitui uma formação bem entrosada, bem trabalhada e vê-se que é uma equipa em que tudo está a ser cuidado a sério. E evidente que no futebol não existem milagres, há que trabalhar os jogadores e tentar tirar partido das suas faculdades para levarmos a «água ao nosso moinho».

Deste modo, é evidente que tenho que encarar as coisas com todo o realismo e nós, humildemente, iremos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para contrariar os vaticínios que vão todos direitinhos para o Lusitânia.

A questão punha-se: — E

depois deste jogo? A equipa sintrense tem condições de se impor física e tecnicamente para iniciar a recuperação?

— O nível educacional dos jogadores é bom. Eles encontravam-se um bocado descrentes e um dos principais objectivos tem sido exactamente levantar-lhes o moral. Hoje dou já com um grupo de rapazes, cuja juventude anda pela média dos 22-23 anos, um punhado de elementos jovens, com muita vontade, todos num estilo autodisciplinado, muito assíduos aos treinos e, com a sua presença regular na preparação aliada à tal auto-disciplina, será meio caminho andado para que o nosso trabalho venha a resultar.

— Está convencido então que o Sintrense conseguirá superar a crise em que se encontra?

— Se o trabalho continuar a desenvolver-se como tem vindo a acontecer até este momento, estou absolutamente certo que só com muita pouca sorte não conseguimos os nossos objectivos.

Pelas palavras do nosso entrevistado, adivinhamos que a confiança na recuperação não é uma palavra vã. Daí a pergunta: — Pensa continuar no Sintrense após o trabalho que se propôs efectuar

até ao final da época?

— Se este trabalho resultar, e eu estou convencido que sim, não vejo qualquer impedimento no final da época de poder continuar, isto é, se o meu trabalho agradar e se as pessoas que estão à frente dos destinos do Sintrense assim o quiserem. Se assim acontecer — de certeza que tanto eu como os dirigentes vamos chegar a uma plataforma de entendimento, sobretudo de trabalho — tenho a

oportunidade de concretizar o tal trabalho de intenção, a que me propus, em prol do Sport União Sintrense.

Estava terminada a entrevista com o novo técnico sintrense Nuno Martins e, pelas palavras que nos acabou de proferir, adivinha-se que algo vai mudar para os lados de Sintra e essa mudança pode já acontecer no jogo de hoje com o Lusitânia.

David Ramalho

Paragem do «Nacional»

Sintrense procura adversário

Devido à paragem dos «nacionais» de futebol por causa de mais uma eliminatória para a Taça de Portugal, o Sintrense encontra-se empenhado na realização de dois jogos, nos próximos dias 8 e 9, a fim de rotinar a sua equipa, para que a recuperação seja uma realidade.

Assim, e depois de gorar-se a hipótese devido à falta de tempo para a organização de um Torneio Quadrangular, em que estaria presente o Académico de Coimbra, o «meu» Académico, no dizer de Nuno Martins, está a trabalhar-se para que se efectue dois jogos, talvez com o Estoril ou com o Sacavenense a realizar em Sintra e no campo do seu adversário.